

O verbo auxiliar *vir a* como marcador de posterioridade

The auxiliary verb vir a (lit. ‘come to’) as a marker of posteriority

Telmo Móia

Universidade de Lisboa (ULisboa)

Lisboa | PT

tmoia@letras.ulisboa.pt

<https://orcid.org/0000-0002-0288-2604>

Resumo: Neste trabalho, analisa-se, numa perspetiva predominantemente semântica, o verbo auxiliar *vir a* como marcador de posterioridade, distinguindo dois valores temporo-modais a que ele pode surgir associado: um puramente prospetivo e não factual, como na frase *se tudo corresse bem, viríamos a descobrir a verdade*, outro prospetivo-retrospetivo e factual, como na sequência *tinham-nos mentido; só viríamos/viemos a descobrir a verdade uns dias depois*. São considerados diversos fatores gramaticais que condicionam o uso deste verbo, com destaque para o tipo de ponto de perspetiva temporal, o tempo e modo verbal, a *Aktionsart* das situações descritas e a eventual presença de adjuntos temporais de posterioridade ou formas afins; sublinha-se a importância de se considerar informação pressuposta no seu processamento, ainda que este aspeto não seja desenvolvido. São identificadas situações em que o uso de *vir a* se afigura como redundante, obtendo-se equivalência vericondicional quando o verbo é removido.

Palavras-chave: *vir a*; verbos auxiliares; tempo verbal; modo; pressuposição; redundância.

Abstract: This paper discusses, from a predominantly semantic perspective, the auxiliary verb *vir a* (lit. ‘come to’) as a marker of posteriority, distinguishing between two temporal and modal values that it can be associated with: one purely prospective and non-factual, as in the sentence *se tudo corresse bem, viríamos a descobrir a verdade* (‘if everything went well, we would discover the truth’), the other prospective-retrospective and factual, as in the sequence *tinham-nos mentido; só viríamos/viemos a descobrir a verdade uns dias depois* (‘they had lied to us; we would only discover the truth a few days later’). Various grammatical factors affecting the use of this



auxiliary verb are scrutinized, viz. type of temporal perspective point, tense and mood values, Aktionsart of the described eventualities, possible presence of adjuncts of posteriority, or comparable prospective forms; the relevance of taking into account presupposed information is emphasised, though not elaborated upon. Contexts in which the use of *vir a* appears to be redundant, i.e. where its elimination does not affect the truth conditions of the sentence, are analysed in some detail.

Keywords: *vir a* (lit. 'come to'); auxiliary verbs; tense; mood; presupposition; redundancy.

1 Introdução

Este trabalho dedica-se a analisar, numa perspectiva predominantemente semântica, o verbo auxiliar *vir* seguido da preposição *a* precedendo verbo principal no infinitivo (doravante referido, por facilidade, como verbo auxiliar *vir a*), que tem sido relativamente pouco investigado na literatura. Um dos valores mais comuns que este verbo sinaliza – e o único que será aqui considerado – é um valor de localização temporal relativa, nomeadamente, de posterioridade das situações descritas a um dado ponto de perspectiva temporal (*sensu* Kamp & Reyle 1993).¹ Em contextos dêiticos, a posterioridade é relativa ao momento da enunciação, como em (1); em contextos anafóricos, a posterioridade é relativa a um ponto de perspectiva passado, como em (2) e (3), ou a um ponto de perspectiva futuro, como em (4):

- (1) O pavilhão acabou de ser desmantelado. Não sabemos se *virá a ser* reconstruído.
- (2) O pavilhão acabara de ser desmantelado. Não sabíamos se *viria a ser* reconstruído.
- (3) O pavilhão acabara de ser desmantelado. Só {*viria / veio*} *a ser* reconstruído um ano depois.
- (4) No final do próximo ano, o pavilhão será desmantelado e possivelmente não *virá a ser* reconstruído.

¹ O verbo auxiliar *vir a* pode ter pelo menos dois outros valores que não são aqui tidos em consideração. Um primeiro, extremamente frequente em PE, mas de uso quase residual em PB (cf. Móia; Viotti, 2004, p. 124-125) é o valor de gradualidade ou de iteração, que ocorre principalmente em frases com pretérito perfeito composto do indicativo como *a situação tem vindo a agravar-se ultimamente* (gradualidade) ou *os partidos da Oposição têm vindo a reclamar a constituição de um governo de unidade nacional* (iteração); este valor corresponde a cerca de 25% das ocorrências de *vir a* no corpus CETEMPúblico; no português brasileiro, ele é tipicamente expresso pela combinação *vir* + gerúndio (não por *vir a* + infinitivo). Um segundo valor usa o verbo *vir* predominantemente no presente do indicativo e é em certa medida idiomático – cf. *o que é que vem a ser tudo isto? isto só vem a querer dizer que ele estava enganado*. Silva Dias (1894 [1876], p. 57) refere este valor (mas curiosamente não o valor de posterioridade): “a combinação do verbo *vir* com o infinitivo de certos verbos precedido da preposição *a* tem quase o mesmo valor que esses verbos empregados sós, v. g. *Isto vem a significar*, é quasi o mesmo que: *isto significa* [...], *Vir a ser*, muitas vezes quer dizer *tornar-se*”.

Além do valor de localização temporal, analisável num enquadramento formal reichenbachiano, que aqui assumo,² este verbo auxiliar associa-se ainda destacadamente a valores modais, que serão bastante explorados neste trabalho. Veja-se que a situação relevante descrita nas frases acima – a reconstrução do pavilhão – é apresentada como um facto em (3), mas apenas como uma hipótese em aberto nas restantes três frases.

Interessa ainda notar que, quando se utiliza o auxiliar *vir a*, se subentende tipicamente a ocorrência de uma cadeia de situações relevantes, não explicitadas, entre o ponto de perspectiva e a situação descrita, a qual surge no término dessa sequência implícita. É o que acontece claramente nas frases (5) e (6), que evocam a possibilidade de uma sucessão de eventos futuros que gerem, em consequência deles e eventualmente contra alguma expectativa inicial, a necessidade de ajuda. Trata-se de um valor muito próximo do que se obtém com o verbo auxiliar *acabar por*, com o qual a assunção da existência de situações relevantes prévias é porventura mais evidente (cf. e.g. Medeiros, 2018, 2020).³ Deixarei para investigação posterior o estatuto exato da informação implícita em causa (e.g. como pressuposição ou implicatura), uma questão do plano pragmático *lato sensu*.

(5) O Pedro certamente *virá a precisar* [\approx *acabará por precisar*] da ajuda do irmão.

(6) É possível que o Pedro *venha a precisar* [\approx *acabe por precisar*] da ajuda do irmão.

Em suma, uma análise semântica completa do verbo auxiliar *vir a* deve considerar três componentes: valores temporais (posterioridade), valores modais (factuais vs. não factuais) e valores pragmáticos (assunção de ocorrência prévia de uma cadeia de situações relevantes). Neste trabalho, por razões de espaço, apenas serão analisados com pormenor os dois primeiros. Em relação a eles, considerarei essencialmente duas questões.

A primeira relaciona-se com o facto de o verbo auxiliar *vir a* como marcador de posterioridade ocorrer associado a dois tipos de valores temporais e modais, que importa distinguir gramaticalmente: (i) um valor puramente prospetivo, e não factual, ilustrado em (1), (2) e (4) acima, e (ii) um valor prospetivo-retrospectivo, e tipicamente factual, ilustrado em (3) acima.⁴ A distinção é relevante essencialmente em contextos anafóricos passados, como os ilustrados em (2) e (3), já que nos outros contextos (dêiticos e anafóricos futuros) surge ape-

² O presente trabalho adota o enquadramento formal da Discourse Representation Theory, de Hans Kamp, ainda que, por mera facilidade, não integre formalizações nessa linguagem lógica. Kamp & Reyle (1993) apresentam um tratamento reichenbachiano dos tempos verbais do inglês, cujas linhas gerais sigo aqui.

³ As descrições lexicográficas reconhecem geralmente esta característica de *acabar por* – cf. e.g. a descrição deste verbo no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, 2001: “Chegar a determinado resultado, estado ou situação, após dificuldades, dúvidas, condições adversas ou contrárias” (p. 34). Medeiros (2020), numa análise linguística recente, considera que “um conjunto de circunstâncias ou eventos subentendidos ou mencionados no contexto culminam ou causam o evento expresso pela oração que segue o verbo *acabar*” (p. 1249) ou que “um superevento S (um conjunto de eventos [...] não necessariamente dependentes uns dos outros) [...] tem relevância para a consecução do evento veiculado pela oração” dependente de *acabar* (p. 1251). Na maioria dos casos, como em (5)-(6), as frases com *vir a* prospetivo podem ser reformuladas com recurso ao auxiliar *acabar por*; há, porém, exceções, cuja análise deixo para investigação posterior: e.g. “Queremos fazer das estruturas empresariais que *venham a existir* [\approx *acabem por existir*] à volta do Sporting um bom negócio.” (CETEMPúblico, ext1228-des-95a-2).

⁴ Creio que o verbo auxiliar propriamente dito não é ambivalente, sendo a ambivalência imputável aos próprios tempos verbais e/ou a outros factores contextuais. Note-se que o mesmo tipo de efeitos interpretativos se observa com tempos sintéticos, sem *vir a*, ou com frases com outros verbos auxiliares, como *acabar por*:

nas o valor puramente prospetivo. Simplificadamente, quando se usa o verbo *vir a* associado a um valor puramente prospetivo, como em (2), a ocorrência das situações descritas é deixada em aberto no futuro do ponto de perspectiva relevante, isto é, envolve um valor modal não factual; quando se usa o verbo *vir a* associado a um valor prospetivo-retrospetivo, como em (3), a ocorrência das situações descritas é apresentada como posterior a um ponto de perspectiva passado – componente prospetiva –, mas, adicionalmente, por norma, com um facto anterior ao presente – componente retrospectiva (e factual).⁵ A ocorrência de *vir a* como marcador de posterioridade associado a cada um destes dois valores, com foco na sua combinação com os diferentes tempos e modos verbais, será explorada na secção 3.

Uma segunda questão relaciona-se com o facto de em muitos contextos (ainda que, crucialmente, não em todos) o contributo de *vir a* para as condições de verdade das frases, como sinalizador de posterioridade, ser redundante, ainda que inocuamente, por não sobrevir qualquer sensação de agramaticalidade ou de falta de naturalidade. Isso acontece, por exemplo, na presença de certos elementos gramaticais que induzem por si só um valor de posterioridade, como adjuntos do tipo de *no futuro*. Neste caso, obtém-se a mesma interpretação, pelo menos em termos de condições de verdade, se o verbo auxiliar for suprimido (sendo de salvaguardar eventuais diferenças subtis em termos de informação implícita, do tipo referido anteriormente a propósito das frases (5)-(6)). Comparem-se as seguintes duas frases, equivalentes:

- (7) É um problema que muito dificilmente *se virá a pôr no futuro*.
- (8) É um problema que muito dificilmente *se porá no futuro*.

Como veremos, além de eventuais adjuntos prospetivos, como *no futuro*, há diversos outros elementos gramaticais a equacionar na análise desta questão, com destaque para o modo do verbo (e.g. indicativo vs. conjuntivo), o valor de *Aktionsart* das situações descritas (estados vs. eventos), o eventual encaixe em completivas dependentes de predicados prospetivos e a presença de outros verbos auxiliares prospetivos (e.g. *acabar por*). A questão geral da redundância vericondicional no uso de *vir a* como marcador de posterioridade será explorada na secção 4.

A descrição linguística neste trabalho recorre centralmente à observação do registo escrito jornalístico português, documentado no *corpus* CETEMPúblico, o qual contém cerca de 195 milhões de palavras. Os dados deste *corpus* são usados para ilustração e para determinação da prevalência de formas, na medida em que se pretende aqui documentar principalmente a variedade padrão do português europeu (PE) contemporâneo. O português brasileiro (PB) também é considerado, ainda que de forma menos central, tendo em conta dados do NILC/São Carlos, um *corpus* com cerca de 35 milhões de palavras de texto (predominantemente) jornalístico brasileiro. Veremos que, apesar de diferenças consideráveis de frequência, o uso de *vir a* como marcador de posterioridade no PB não parece diferir significativamente do seu uso no PE, havendo registos de praticamente todas as combinações gramaticais relevantes em ambas

(i) O pavilhão acabara de ser desmantelado. Não sabíamos se {*seria / acabaria por ser*} reconstruído. [puramente prospetivo, não factual]

(ii) O pavilhão acabara de ser desmantelado. {*Só seria (ou foi) / Acabaria (ou Acabou) por só ser*} reconstruído um ano depois. [prospetivo-retrospetivo, factual]

⁵ O valor prospetivo-retrospetivo associa-se tipicamente ao valor factual, mas, naturalmente, isso pode não acontecer, e.g. em contextos em que se afirma desconhecimento, no presente, acerca de um facto passado: *se ele veio ou não a arrepender-se, ninguém sabe ao certo* (não factual) vs. *ele veio a arrepender-se* (factual).

as variedades. O PE não contemporâneo também é marginalmente considerado, a partir de observações do Vercial, um *corpus* com cerca de 15 milhões de palavras, de texto literário português dos séculos XVI a XX. A consulta deste *corpus* permite tecer algumas conjeturas sobre potenciais mudanças linguísticas, cuja verificação é deixada para investigação futura.

Um primeiro aspeto que a pesquisa nestes *corpora* revela é que o verbo auxiliar *vir a* como marcador de posterioridade é uma unidade lexical de frequência considerável. Veja-se a Tabela 1:⁶

Tabela 1 – número estimado de ocorrências do verbo auxiliar *vir a* como marcador de posterioridade em diferentes *corpora*

<i>corpus</i>	número total de ocorrências	número de ocorrências por milhão de palavras
CETEMPúblico (PE)	≈ 44.300	227
NILC/São Carlos (PB)	≈ 1.200	33
Vercial	≈ 1.000	64

Fonte: elaborado pelo autor.

Como se pode observar, o registo jornalístico do PB parece fazer um uso quase sete vezes menor que o registo jornalístico do PE do verbo auxiliar em causa: 33 ocorrências por milhão de palavras (pMp) vs. 227 ocorrências pMp, respetivamente. O uso no Vercial (64 pMp) é quase o dobro do verificado no NILC/São Carlos, mas quase quatro vezes inferior ao do CETEMPúblico. Deixo a análise destas significativas diferenças de frequência para investigação futura, embora registre alguns aspetos particulares da variação entre *corpora* adiante.

2 O verbo auxiliar *vir a* como marcador de posterioridade em dicionários e gramáticas

Dada a frequência relativamente elevada do verbo *vir a* como marcador de posterioridade, é algo surpreendente que a literatura sobre verbos auxiliares do português – incluindo gramáticas de referência, antigas e modernas – lhe dedique tão pouca atenção e que os registos lexicográficos sejam tão limitados.

Começemos pelos dicionários, que geralmente registam o verbo em causa numa aceção independente, com paráfrases do valor semântico pouco esclarecedoras. Por exemplo, o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* [DLPC], da Academia das Ciências de Lisboa, de 2001, regista *vir a* como marcador de posterioridade num único número do verbete de *vir* (como “auxiliar de tempo ou aspecto”), com a mera descrição “conclusão ou desfecho”; como se pode ver pela transcrição abaixo, o dicionário destaca a sua proximidade semântica ao verbo *acabar por* e inclui abonações que ilustram tanto a sua associação a um valor puramente prospetivo (segunda abonação) como a um valor prospetivo-retrospectivo (primeira e terceira abonações): “2. Conclusão ou desfecho. (Seguido da preposição *a* e de um verbo pleno no infinitivo.) ≈

⁶ Os valores da Tabela 1 foram calculados a partir das pesquisas realizadas para a elaboração das Tabelas 3 e 4 adiante, descritas nas notas 11 e 14.

ACABAR POR. *O inquérito veio a esclarecer a questão. Se isso se vier a confirmar, teremos de agir. Vim a saber a novidade por ele*". (DLPC, 2001: 3758)

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* [DHLP], de 2001, tem um registo ainda mais exíguo, limitando-se praticamente a um comentário gramatical breve, que reúne todas as aceções do verbo *vir* como auxiliar (com *a*, com *de* ou com gerúndio) e apresenta a descrição, vaga e pouco informativa, "exprime ocorrência da ação"; as abonações dadas também incluem contextos com valor puramente prospetivo e com valor prospetivo-retrospectivo: "GRAM. [...] seguido [...] de *a* [...] funciona como v.aux., exprimindo 'ocorrência da ação' (aspecto incoativo) [...] *a afta veio a formar-se depois que feriu a gengiva; e se ele vier a procurá-la de novo?* [...]" (DHLP, 2001, p. 2867)

O *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil* [DGV], coordenado por Francisco da Silva Barbosa, também insiste na proximidade de sentido com o verbo auxiliar *acabar* (e dá igualmente exemplos de ambos os valores, puramente prospetivo e prospetivo-retrospectivo):

[Vir] Precedendo *a* + infinitivo, indica aspecto resultativo [= "resultado final do que o infinitivo indica"] equivalendo a *acabar* + gerúndio / *por* + infinitivo: *a consciência desta transmutação só recentemente veio a formar-se [...]; a visão do artista [...] pode vir a constituir uma aquisição cultural preciosa [...]*" (DGV, 1991 [2. ed.], p. 1351)

Em termos de gramáticas, a descrição semântica deste verbo auxiliar também é muito rudimentar e a exemplificação escassa (misturando até, por vezes, diferentes aceções do predicado). O verbo não é referido, tanto quanto pude apurar, em gramáticas anteriores ao século XX, mas é tratado, ainda que superficialmente, em gramáticas mais modernas. Almeida (1999 [1943], p. 314-315) refere que "o verbo *vir* seguido de *a* e um infinitivo forma locuções verbais e assume o sentido de *acontecer, suceder*: *Vieram a saber* – Terra que *venha* ele *a* encontrar – [...] O Faraó *veio* também *a* morrer afogado"; este autor dá ainda, sob a mesma descrição, um quarto exemplo que claramente não corresponde à mesma aceção, mas antes ao valor idiomático referido na nota 1: *o que vem a ser o mesmo*. Bechara (1999 [1961], p. 232) limita-se a dar um exemplo (*vir a escrever*), sem comentário, sob a descrição genérica de valor de "resultado". Cuesta e Luz (1971, p. 432) observam que "a realização dum propósito, a consecução final de uma ação, podem exprimir-se em português por meio do verbo *vir* e um infinitivo precedido da preposição *a*: §*Vim a saber que o rapaz é de família muito distinta* §*Virá a ser um grande escritor*"; as autoras dão ainda, sob a mesma descrição, um terceiro exemplo, que claramente não corresponde a esta aceção, mas antes ao valor idiomático referido na nota 1: *Que vem a significar tudo isto?* Cunha e Cintra (1984, p. 395) notam que "[Vir emprega-se] com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para expressar o resultado final da acção", dando dois exemplos: *vim a saber dessas coisas muito tarde; veio a dar com os burros nágua* (sic). Neves (1999, p. 64) limita-se a dar um exemplo (*Bem queria que Aparício nunca viesse a saber deste desespero da nossa mãe*), classificando *vir a* como verbo aspetual que sinaliza o valor "aquisição de estado"; a autora dá ainda um exemplo do predicado, até certo ponto congénere, *terminar por*, considerando que sinaliza o valor "término ou cessação de evento". Castilho (2010, p. 450-451) limita-se a dar um exemplo (*veio a falecer três dias depois*), sob a descrição "perífrases de infinitivo/pretérito perfeito"; dá ainda um exemplo do predicado, até certo ponto congénere, *acabar por*, sob a descrição "perífrases de infinitivo/imperfectivo terminativo". Finalmente, o extenso capítulo da *Gramática do Português*, publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian, dedicado aos verbos

auxiliares (Raposo, 2013) nem sequer menciona este verbo auxiliar (ou o seu congénere *acabar por*, aliás). O mesmo acontece na breve secção de três páginas dedicada aos verbos auxiliares, na *Gramática do Português*, de Maria Helena Mira Mateus *et al.* (Duarte, 2003).⁷

Em suma, verificamos que a generalidade das gramáticas do português, mesmo as mais recentes, ou ignoram completamente este verbo ou se limitam a dar um ou dois exemplos sem desenvolver a análise semântica, ou identificar de forma clara os seus componentes essenciais, temporais, modais e pragmáticos. Verificamos também que os dicionários têm descrições muito vagas e insuficientes. O presente trabalho tem como objetivo contribuir para colmatar estas lacunas.

Em termos de literatura mais especializada, os únicos trabalhos que conheço que referem, ainda que sem aprofundar, aspetos semânticos específicos deste verbo são Mória (2017, 2018), cujas reflexões retomarei adiante. Gonçalves (1996) discute ainda propriedades sintáticas deste verbo auxiliar.⁸

3 O verbo auxiliar *vir a* como marcador de posterioridade e sua combinação com diferentes tempos verbais

Como foi referido na secção introdutória, considero, seguindo Mória (2017, 2018), que importa distinguir gramaticalmente dois contextos em que surge o verbo auxiliar *vir a* como marcador de posterioridade: aqueles em que há um valor puramente prospetivo, e não factual, como (9), e aqueles em que há um valor prospetivo-retrospectivo, e factual, como (10).

- (9) Os fundadores do Partido Republicano Português acreditavam, no final do século XIX, que Portugal *se viria a tornar* uma república em breve.

⁷ O sentido de posterioridade de uma situação a um ponto de perspetiva temporal também parece existir para o verbo espanhol *venir a*. É a aceção n.º 18 do verbete *venir* do *Diccionario de la lengua española*, da Real Academia Española (<https://dle.rae.es/>): “intr. Dicho de una cosa que se esperaba o se temía: Suceder finalmente. *Después de una larga enfermedad, vino a morir. Después de largas pretensiones, vino a conseguir la plaza*”. Na *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, também da Real Academia Española, Leonardo Torrego apresenta a seguinte descrição deste predicado (em que se salienta igualmente a proximidade ao verbo *acabar*): “Otro de los valores [de <venir a + infinitivo>] es el de «culminación» de un hecho: § (215) El tiempo vino a darme razón (= «el tiempo acabó dándome razón»). § En ocasiones, el valor está muy cerca de un «logro» o de un significado ‘perfectivo’: *Lo vine a saber por ti* (= «lo logré saber por ti»).” (Torrego, 1999, p. 3383-3384).

⁸ Gonçalves (1996, p. 11) inclui *vir a* no seu quadro de verbos auxiliares e observa que ele possui a generalidade das propriedades sintáticas típicas desta subclasse de verbos, com duas particularidades: (i) em relação à subida de clíticos para antes de *vir a* em contextos desencadeadores de próclise, a autora diz que ela é opcional; pesquisas no CETEMPúblico que permitem comparar a prevalência de subida vs. não subida de clítico, e.g. imediatamente após *não* e *que* (“*não|que*” “*o|a|os|as|lhe|lhes|me|te|nos|vos*” [lema=“*vir*”] “*a*” “*.*r*” vs. “*não|que*” [lema=“*vir*”] “*a*” “*.*-lo|.*-la|.*-los|.*-las|.*-lhe|.*-lhes|.*-me|.*-te|.*-nos|.*-vos*”) dão uma prevalência da subida do clítico de 73% (230 registos) e da não subida de clítico de 27% (83 registos); (ii) em relação à possibilidade de negação do predicado encaixado, a autora assume que há dúvidas entre os falantes; no CETEMPúblico, a sequência com a negação mais alta (*não vir a* INF) é sem dúvida predominante – mais de 1000 registos; porém, a pesquisa [lema=“*vir*”] □ {0,2} “*a*” “*não*” “*.*r*” revela 48 ocorrências de *vir a não* INF (dois terços das quais depois do verbo auxiliar *poder*, que parece facilitar a construção), que não se afiguram de modo algum problemáticas – cf. e.g. “o PS corria o risco de sozinho *vir a não conseguir* eleger João Soares” (CETEMPúblico, ext332058-nd-98a-2).

- (10) O embrião do Partido Republicano Português surgiu em 1870. Quarenta anos mais tarde, em 1910, Portugal *viria a tornar-se* uma república.

Ambos os contextos são muito comuns no tipo de registo escrito analisado neste trabalho, como ilustrado na Tabela 2.⁹ Observa-se que a prevalência dos dois valores é muito semelhante nos registos jornalísticos do PE e do PB, com o valor puramente prospetivo a ser cerca de três vezes mais frequente que o valor prospetivo-retrospectivo nas duas variedades do português. Diferentemente, no *corpus* mais antigo Vercial, predomina o valor prospetivo-retrospectivo (principalmente associado ao pretérito perfeito simples do indicativo, e.g. *veio a + INF*), que é cerca de 1,25 vezes mais frequente que o valor puramente prospetivo, facto que poderá indiciar alguma mudança linguística (a requerer investigação futura).

Tabela 2 – prevalência do verbo auxiliar *vir a* como marcador de posterioridade associado a um valor puramente prospetivo vs. a um valor prospetivo-retrospectivo em diferentes *corpora*

<i>corpus</i>	percentagem de ocorrências associadas a um valor puramente prospetivo	percentagem de ocorrências associadas a um valor prospetivo-retrospectivo
CETEMPúblico (PE)	74%	26%
NILC/São Carlos (PB)	77%	23%
Vercial	45%	55%

Fonte: elaborado pelo autor.

Muitas vezes, os dois tipos de valores que se associam a *vir a* surgem em predicções com tempos verbais distintos, os quais, sozinhos, garantem geralmente que não há ambiguidade de interpretação. Porém, nalguns casos, o mesmo tempo verbal é usado para os dois tipos de interpretação (cf. e.g. (9)-(10) acima). Quando isso acontece, só o contexto mais alargado permite esclarecer a interpretação, eliminando a potencial ambiguidade. Esporadicamente, pode persistir a ambiguidade, como em (11), com o contexto dado.

- (11) “Foi aí que [...] os professores da escola resolveram adiantar entre eles esta quantidade para que o passeio não se gorasse. Subsídios posteriores ao passeio, como o do Governo Civil, *viriam a repor* o adiantamento.”
(CETEMPúblico, ext35063-soc-95a-2)
[valor puramente prospetivo: “era expectável que viessem a repor” (assumindo uma forma de discurso relatado, com presença subentendida de *foi dito que*, ou forma afim) vs. valor prospetivo-retrospectivo: “vieram efetivamente a repor”]

Nas duas secções seguintes, analisarei a ocorrência de *vir a* associado aos dois tipos de valores, com foco nos tempos verbais que ocorrem prototipicamente com cada um deles. Começo com o valor prospetivo-retrospectivo.

⁹ Os valores da Tabela 2 foram calculados a partir das pesquisas descritas nas notas 11 e 14 (realizadas para a elaboração das Tabelas 3 e 4 adiante).

3.1 Verbo auxiliar *vir a* associado a um valor prospetivo-retrospetivo e tempos verbais

Como nota Mória (2017, p. 226-227; 2018, p. 163), em contextos anafóricos passados, o verbo *vir a* associa-se geralmente a um valor prospetivo-retrospetivo, em que as situações descritas, posteriores a um ponto de perspectiva passado, são apresentadas como um facto ocorrido antes do momento da enunciação, como acontece em (10) acima.

Há dois tempos verbais que sinalizam prototipicamente este valor: o chamado condicional presente, em Portugal, ou futuro do pretérito, no Brasil (cujo valor base, numa análise reichenbachiana do tempo verbal, é precisamente de posterioridade a passado) e o pretérito perfeito simples do indicativo (cujo valor base é de anterioridade a presente). O primeiro associa-se tipicamente ao valor prospetivo-retrospetivo, mas não exclui o valor puramente prospetivo, como ilustrado em (9) acima. O segundo parece associar-se exclusivamente ao valor prospetivo-retrospetivo, bloqueando o valor puramente prospetivo. O gerúndio – simples ou composto – também está predominantemente associado ao valor prospetivo-retrospetivo, ainda que pelo menos o gerúndio simples também se possa associar ao valor puramente prospetivo. Seguem-se exemplos do CETEMPúblico com *vir a* flexionado em cada um dos quatro tempos verbais referidos, associado ao valor prospetivo-retrospetivo:

- (12) “[...] João Rodrigues pediu a Cunha Leal [...] que se desvinculasse de todos os seus outros compromissos profissionais. O que Cunha Leal *viria a fazer*.”
(CETEMPúblico, ext8927-des-91b-1)
- (13) “[...] Branco Malveiro viu-se na contingência de ter de propôr à Câmara que adquirisse a sede, o que esta *veio a fazer*.” (CETEMPúblico, ext432256-pol-94a-1)
- (14) “De família judia, [Joseph Garcia] radicou-se nos Estados Unidos em 1921, *vindo a falecer* em Nova Iorque em 1964.” (CETEMPúblico, ext25793-nd-92a-2)
- (15) “[...] [o condutor] adormeceu enquanto circulava na [...] Ponte sobre o Tejo [...], *tendo vindo a embater* num outro veículo que transitava em sentido contrário.”
(CETEMPúblico, ext1513526-soc-93a-1)

O valor prospetivo-retrospetivo pode ainda surgir associado a outros tempos verbais, além dos quatro ilustrados acima, mas com muito menor frequência. Entre estes, destacam-se os seguintes quatro: o presente do indicativo¹⁰ e o futuro imperfeito do indicativo com valor narrativo (alternativas estilísticas ao pretérito perfeito simples), como em (16) e (17), respetivamente; o pretérito imperfeito do conjuntivo, sinalizando factos passados, como em (18); o infinitivo, também sinalizando factos passados, como em (19):

- (16) “[...] Sanches nunca mais voltou a ouvir falar do monumento. Passado tempo, [...] *vem a saber* que a comissão encomendara um outro projecto [...]”
(CETEMPúblico, ext175682-pol-91b-2)

¹⁰ O presente do indicativo do verbo auxiliar *vir a* apresenta algumas particularidades, que não serão aqui consideradas. Frequentemente, não é um marcador de posterioridade, antes aparecendo associado a formas idiomáticas, como as referidas na nota 1, ou a predicções genéricas, que aqui foram ignoradas.

- (17) “22 de Abril – 1500 A armada de Pedro Álvares Cabral, quando seguia para a Índia, chega à Terra da Vera Cruz, que *se virá a chamar* Brasil.”
(CETEMPúblico, ext39779-opi-98a-1)
- (18) “O ponto seguinte da ordem de trabalhos [...] suscitou [...] bastante discussão, embora *viesses a ser* aprovado apenas com uma abstenção [...].”
(CETEMPúblico, ext1048095-soc-97a-1)
- (19) “[...] o italiano Giovanni de Benedictis ultrapassou-o [...] a 400 metros do final para *vir a alcançar* a segunda melhor marca de todos os tempos [...].”
(CETEMPúblico, ext4602-des-92a-1)

Os números de ocorrências no CETEMPúblico destes quatro últimos tempos verbais (referidos como “outros tempos verbais” na Tabela 3) não são muito elevados. Os número estimado de registos (a partir de uma análise individual, paralela à descrita na nota 11) é: presente narrativo, 150; futuro narrativo, 115; pretérito imperfeito do conjuntivo associado a um valor prospetivo-retrospectivo, 104; infinitivo, 272.

A Tabela 3 sumariza os valores dos diferentes tempos verbais.¹¹

Tabela 3 – número estimado de ocorrências de *vir a* associado a um valor prospetivo-retrospectivo com os diferentes tempos verbais no CETEMPúblico

flexão do verbo <i>vir a</i>		número estimado de ocorrências no CETEMPúblico
tempos verbais prototípicos	pretérito perfeito simples do indicativo	4.193
	condicional presente (futuro do pretérito, no Brasil)	5.856
	gerúndio simples	563
	gerúndio composto	42
outros tempos verbais		641
total		11.295
número de registos por milhão de palavras		58

Fonte: elaborado pelo autor.

Comparando os resultados da Tabela 3 com os que se obtiveram com pesquisas idênticas no NILC/São Carlos, observa-se: uma frequência muito menor do uso de *vir a* prospetivo-retrospectivo no *corpus* brasileiro (apenas 7,5 pMp, quase 8 vezes menos que no CETEMPúblico); as diferenças de frequência face ao PE variam com os diferentes tempos verbais – condicional (com valor prospetivo-retrospectivo), 12 vezes menos; gerúndio simples (com valor pros-

¹¹ Pesquisas realizadas: (i) sequências estritamente adjacentes – “[Vv]im|[Vv]ieste|[Vv]eio|[Vv]ieram|[Vv]iemos” “a” [temcagr=“INF.*”]; “[Vv]iria|[Vv]irias|[Vv]iríamos|[Vv]iriam” “a” [temcagr=“INF.*”]; [lema!=“ter|haver”] “vindo” “a” [temcagr=“INF.*”]; “[Tt]endo” {} {0,3} “vindo” “a” [temcagr=“INF.*”]; (ii) sequências com uma ou duas palavras entre o verbo *vir* e a preposição *a* – pesquisas iguais às anteriores, adicionando “[{} {1,2}]” na posição relevante. Foram analisadas, para cada pesquisa, as primeiras 200 ocorrências das sequências estritamente adjacentes e as primeiras 50 das sequências com uma ou duas palavras entre *vir* e *a*, para se determinar uma taxa de relevância, que foi depois aplicada ao total de resultados.

petivo-retrospectivo) 7 vezes menos; pretérito perfeito simples do indicativo, 5 vezes menos. Do gerúndio composto (com valor prospectivo-retrospectivo), relativamente infrequente no CETEMPúblico, não foram encontradas abonações no NILC/São Carlos.

Comparando os resultados da Tabela 3 com os que se obtiveram com pesquisas idênticas no Vercial, observa-se: uma frequência um pouco menor do uso de *vir a* prospectivo-retrospectivo no *corpus* literário (35 pMp, 40% menos que no CETEMPúblico); o que mais se destaca é a reduzidíssima presença do condicional com valor prospectivo-retrospectivo no Vercial – apenas 12 registos, o que, tendo em conta a dimensão dos *corpora* dá uma frequência 38 vezes menor. Também não há registos do gerúndio composto no Vercial. Os outros dois tempos verbais – pretérito perfeito simples do indicativo e gerúndio simples – apresentam uma frequência muito semelhante no Vercial e no CETEMPúblico.

Globalmente, as diferenças mais notáveis entre os três *corpora* envolvem a frequência de uso de *vir a* no condicional para sinalizar um valor prospectivo-retrospectivo: 30 pMp no CETEMPúblico vs. 2,5 pMp no NILC/São Carlos vs. tão-só 0,8 pMp no Vercial. Pode-se pois conjecturar que tenha havido uma mudança linguística contemporânea no PE, com reforço significativo do uso em causa, mas só estudos mais aprofundados poderão confirmar ou infirmar esta hipótese. No Vercial, predomina o uso do pretérito perfeito simples do indicativo para sinalizar o valor em causa: 30 pMp no Vercial (correspondendo a 90% dos usos relevantes) vs. 22 pMp no CETEMPúblico (correspondendo a 40% dos usos relevantes) e 4 pMp no NILC/São Carlos (correspondendo a 56% dos usos relevantes). O gerúndio associado ao valor prospectivo-retrospectivo tem uma frequência quase igual no Vercial e no CETEMPúblico (em torno de 3 pMp), sendo muito inferior no NILC/São Carlos (cerca de 0,4 pMp).

3.2 Verbo auxiliar *vir a* associado a um valor puramente prospectivo e tempos verbais

O verbo auxiliar *vir a* ocorre associado a um valor puramente prospectivo (isto é, sem a componente retrospectiva, factual) tanto em contextos anafóricos passados (em competição com *vir a* prospectivo-retrospectivo) como em contextos dêiticos e anafóricos futuros (onde *vir a* prospectivo-retrospectivo não ocorre). Os tempos prototípicos da sinalização deste valor (normalmente distintos dos que se associam ao valor prospectivo-retrospectivo) são: em contextos anafóricos passados, o pretérito imperfeito do conjuntivo, como em (20) (embora este tempo também possa ser usado deiticamente, para sinalizar implausibilidade – cf. Marques, 2010)¹²; em contextos dêiticos e em contextos anafóricos futuros, (i) o futuro imperfeito do indicativo, como em (21), (ii) o presente ou o futuro imperfeito do conjuntivo, dependendo das construções, como em (22) e (23), respetivamente; (iii) o infinitivo, geralmente dependente de predicados prospectivos ou de auxiliares modais como *poder*,¹³ como em (24)-(25) (embora o infinitivo também possa ser usado em contextos anafóricos passados). Como já vimos, alguns

¹² Contrastem-se as seguintes duas frases, ambas ilustrando um contexto dêitico: *se vierem a descobrir vida em Marte, o mundo nunca mais será o mesmo* [maior plausibilidade] vs. *se viessem a descobrir vida em Marte, o mundo nunca mais seria o mesmo* [menor plausibilidade].

¹³ Cerca de 50% dos registos de *vir a* no infinitivo referidos na Tabela 4 ocorrem na dependência do verbo modal *poder* (e.g. *podem vir a, poderão vir a,...*).

destes tempos verbais podem estar associados ao valor prospetivo-retrospectivo, ainda que muito menos infrequentemente.

- (20) “Helmut Kohl receava que a humilhação das cerimónias do desembarque *viesse a exacerbar* as reacções da extrema-direita na Alemanha [...]” (CETEMPúblico, ext22404-pol-94b-1)
- (21) “Tudo indica que o Campeonato da Europa [...] *se virá a disputar* em dois países, facto inédito na história da competição.” (CETEMPúblico, ext49337-eco-94b-1)
- (22) “O facto de o BCP não consolidar agora as contas não significa que não o *venha a fazer* no futuro.” (CETEMPúblico, ext360047-eco-96a-1)
- (23) “Se todas as vedetas [...] anunciadas [...] *vierem a estar* presentes, irá assistir-se a uma reunião de elevada qualidade.” (CETEMPúblico, ext1347335-des-95a-1)
- (24) “Portugal reúne condições para *vir a constituir* a porta da África do Sul na Europa.” (CETEMPúblico, ext474-eco-91b-1)
- (25) “Segundo o Público apurou um segundo centro pode *vir a abrir* nos próximos tempos em Leiria e um terceiro a Norte.” (CETEMPúblico, ext1930-nd-91b-1)

O valor puramente prospetivo pode surgir associado a outros tempos verbais além dos cinco ilustrados acima, mas com muito menor frequência. Entre estes, destacam-se: o chamado condicional presente, como em (26), e o gerúndio simples, como em (27). Os números de ocorrências no CETEMPúblico destes tempos verbais (referidos como “outros tempos verbais” na Tabela 4 abaixo) não são muito elevados. O número estimado de registos (a partir de uma análise individual, paralela à descrita na nota 11) é: condicional, 142; gerúndio simples, 28.

- (26) “[...] na altura [Guterres] não adiantou se esta política [...] *viria a ser* uma referência para a composição dos restantes órgãos.” (CETEMPúblico, ext34395-pol-94a-1)
- (27) “As bases [...] poderão falar mais alto, *vindo a forçar* eventuais alianças com o PSD nas câmaras [...]” (CETEMPúblico, ext271094-pol-97a-1)

A Tabela 4 sumariza os valores dos diferentes tempos verbais.¹⁴

¹⁴ Procedimento idêntico ao utilizado para a elaboração da Tabela 3 (referido na nota 11), *mutatis mutandis*. Foram usadas as pesquisas: “[Vv]iesse|[Vv]iesses|[Vv]iéssemos|[Vv]iessessem” “a” [temcagr=”INF.*”]; “[Vv]irei|[Vv]irás|[Vv]irá|[Vv]iremos|[Vv]irão” “a” [temcagr=”INF.*”]; “[Vv]enha|[Vv]enhas|[Vv]enhamos|[Vv]enham” “a” [temcagr=”INF.*”]; “[Vv]ier|[Vv]ieres|[Vv]iermos|[Vv]ierem” “a” [temcagr=”INF.*”]; “[Vv]ir|[Vv]ires|[Vv]irmos|[Vv]irem” “a” [temcagr=”INF.*”] (com e sem adição de “[{1,2}]” na posição relevante).

Tabela 4 – número estimado de ocorrências de *vir a* associado a um valor puramente prospectivo com os diferentes tempos verbais no CETEMPúblico

flexão do verbo <i>vir a</i>	número estimado de ocorrências no CETEMPúblico
pretérito imperfeito do conjuntivo	1.248
futuro imperfeito do indicativo	935
tempos verbais prototípicos	
presente do conjuntivo	10.664
futuro imperfeito do conjuntivo	2.339
infinitivo	17.637
outros tempos verbais	170
total	32.993
número de registos por milhão de palavras	169

Fonte: elaborado pelo autor.

Comparando os resultados da Tabela 4 com os que se obtiveram com pesquisas idênticas no NILC/São Carlos, observa-se: uma frequência muito menor do uso de *vir a* puramente prospectivo no *corpus* brasileiro (apenas 25 pMp, quase 7 vezes menos que no CETEMPúblico); as diferenças de frequência face ao PE variam com os diferentes tempos verbais – futuro imperfeito do indicativo, 12 vezes menos; infinitivo, 11 vezes menos; presente do conjuntivo, 5 vezes menos; futuro imperfeito do conjuntivo e pretérito imperfeito do conjuntivo, 4 vezes menos.

Comparando os resultados da Tabela 4 com os que se obtiveram com pesquisas idênticas no Vercial, observa-se também uma muito menor frequência do uso de *vir a* puramente prospectivo no *corpus* de texto literário (apenas 29 pMp, quase 6 vezes menos que no CETEMPúblico, um valor muito próximo do NILC/São Carlos); as diferenças de frequência face ao CETEMPúblico variam com os diferentes tempos verbais – futuro imperfeito do conjuntivo, 10 vezes menos; presente do conjuntivo e infinitivo, 9 vezes menos; o futuro imperfeito do indicativo e o pretérito imperfeito do conjuntivo apresentam uma frequência muito semelhante nos dois *corpora*.

Como se pode ver na Tabela 4, na expressão do valor puramente prospectivo, predominam os modos infinitivo e conjuntivo, tendo um peso menor o modo indicativo. O modo indicativo surge associado ao valor puramente prospectivo como *vir a* principalmente na forma de futuro imperfeito. Inversamente, o modo conjuntivo raramente se associa a um valor prospectivo-retrospectivo com *vir a*, com exceção de uma minoria de usos do pretérito imperfeito do conjuntivo, como os ilustrados em (18) acima.¹⁵

Como já foi referido, as diferenças de tempos prototípicos entre os valores puramente prospectivo e prospectivo-retrospectivo ajudam a que raramente se gerem ambiguidades. Estas podem porém surgir, como foi mostrado no exemplo (11) acima, se o contexto não for suficientemente esclarecedor, nos casos em que há tempos comuns, e.g. condicional presente ou futuro imperfeito. Observem-se ainda os seguintes exemplos construídos, ambíguos:

¹⁵ Observe-se ainda um exemplo excecional de valor prospectivo-retrospectivo com presente do conjuntivo: “[...] para o primeiro-ministro [...], o voto dos emigrantes nas presidenciais é uma «questão de princípio e os princípios não se negociam». Só à luz deste entendimento se percebe que, meses depois, o ministro da Administração Interna [...] *venha a fazer* depender da aceitação pelos socialistas do princípio «um emigrante, um voto para a Presidência» a negociação das restantes alterações à Lei Eleitoral.” (CETEMPúblico, ext19534-pol-92a-1).

- (28) A reunião terminou. *Viriam a reunir-se* de novo daí a três dias.
[valor puramente prospetivo: “tinham intenção de reunir-se”, numa forma de discurso relatado, em que se subentende um subordinador como *decidiram que* ou afim vs. valor prospetivo-retrospetivo: “vieram a reunir-se”]
- (29) Numa Europa mais pacificada, a expansão da NATO *virá a ser* muito diferente do que seria no tempo da guerra fria.
[valor puramente prospetivo: “será futuramente” vs. valor prospetivo-retrospetivo: “veio a ser”, com futuro narrativo/histórico]

4 Redundâncias no uso de *vir a* como marcador de posterioridade

Como foi ilustrado brevemente na introdução, com os exemplos (7)-(8), a informação temporal de posterioridade veiculada pelo verbo auxiliar *vir a* é frequentemente redundante, persistindo mesmo o que verbo seja eliminado. Este facto tem especial relevância em traduções para o inglês, em que a presença do verbo *vir a* – que não tem uma contrapartida clara nessa língua – é frequentemente ignorada. Vejam-se as seguintes duas traduções (coincidentes, aliás, com as obtidas automaticamente no DeepL – <https://www.deepl.com/pt-PT/translator>):

- (30) Se tudo corresse bem, *viríamos a descobrir* (= *descobriríamos*) a verdade.
Ingl. If everything went well, we *would discover* the truth.
- (31) Tinham-nos mentido; só *viríamos a descobrir* (= *descobriríamos*) a verdade uns dias depois.
Ingl. They had lied to us; we *would only discover* the truth a few days later.

A redundância de que estamos a falar, inócua na medida em que não gera agramaticalidade ou sensação de pouca naturalidade, verifica-se de forma muito evidente em contextos em que estão presentes outros elementos que sinalizam explicitamente a informação de posterioridade, como ilustrado em (32), para o valor puramente prospetivo, e em (33), para o valor prospetivo-retrospetivo.

- (32) a. Não cedemos, ainda que possamos *vir a arrepender-nos* mais tarde.
b. Não cedemos, ainda que possamos *arrepender-nos* mais tarde.
[FRASE EQUIVALENTE]
- (33) a. O rei regressou da expedição doente e *veio a falecer* uns dias depois.
b. O rei regressou da expedição doente e *faleceu* uns dias depois.
[frase equivalente]

Para compreender melhor esta questão, que é algo complexa, começarei por discutir, na secção 4.1, a questão geral da marcação do valor de posterioridade no sistema verbal do português. Seguidamente, na secção 4.2, elencarei os contextos em que a informação de posterioridade introduzida por *vir a* é redundante e aqueles em que é desambiguadora e/ou essencial; seguidamente, nessa mesma subsecção, apresentarei dados de *corpora* que con-

firmam o uso de *vir a* com os diferentes estatutos informacionais, isto é, associado ou não a redundância. Finalmente, na secção 4.3, discutirei, com base em dados de *corpora*, o caso particular de coexistência – redundante – de *vir a* com outros verbos auxiliares afins, nomeadamente, *acabar por*, *haver de* e *ir*.

4.1 Marcação do valor de posterioridade no sistema verbal do português

O valor reichenbachiano de posterioridade (das situações descritas relativamente a um ponto de perspectiva temporal) pode ser marcado com formas verbais sem verbos auxiliares – sintéticas, digamos. No sistema do indicativo+condicional, a posterioridade a presente é sinalizada tipicamente com o futuro imperfeito, como em (34a), e a posterioridade a passado com o chamado condicional presente, como em (34b). A posterioridade a futuro, usa geralmente as mesmas formas verbais que a posterioridade a presente. Também podem ser usadas outras formas verbais do indicativo, equivalentes, para sinalizar os valores de localização relativa em causa (e.g. uso do presente com o valor do futuro imperfeito), mas essa variação não é importante aqui e, por simplicidade, não a terei agora em conta:

- (34) a. Não te preocupes. *Farei* o que me pediste.
b. Disse-lhe que não se preocupasse. *Faria* o que ele me pediu.

No sistema do conjuntivo (cf. e.g. Marques, 2010), a posterioridade a presente é sinalizada com o presente, o futuro imperfeito ou o pretérito imperfeito, dependendo das construções, como se pode ver nos três exemplos de (35), respetivamente, e a posterioridade a passado é sinalizada tipicamente pelo pretérito imperfeito, como se pode ver em (36):

- (35) a. Talvez *faça* o que me estás agora a pedir. Ainda não sei.
b. Se eu *fizer* o que me estás agora a pedir, ficas em dívida comigo.
c. Se eu *fizesse* o que me estás agora a pedir, ficarias em dívida comigo.
[MENOR PLAUSIBILIDADE – cf. Marques (2010)]
- (36) a. Naquele momento, hesitei. Talvez *fizesse* o que ele me estava então a pedir. Ainda não sabia.
b. Naquele momento, hesitei. Se eu *fizesse* o que ele estava me estava então a pedir, ele ficaria em dívida comigo.

O sistema do conjuntivo apresenta uma particularidade importante que o distingue do sistema do indicativo+condicional: os valores de sobreposição e os valores de posterioridade a um ponto de perspectiva temporal não são sinalizados por tempos sintéticos distintos; trata-se de uma das diferenças mais significativas entre os dois modos verbais, bem sublinhada em Marques (2010). Assim, em (37), com indicativo, os tempos variam consoante se expresse sobreposição ou posterioridade (presente vs. futuro imperfeito, respetivamente). Mas em (38)-(39), com conjuntivo, os tempos são exatamente os mesmos quer se expresse sobreposição quer se expresse posterioridade (presente do conjuntivo, em (38) para ambos os valores; futuro imperfeito do conjuntivo, em (39), para ambos os valores).

- (37) a. Eles *apoiam* o candidato (agora). [SOBREPOSIÇÃO]
 b. Eles *apoiarão* o candidato (no futuro). [POSTERIORIDADE]
- (38) a. Ainda que eles *apoiem* o candidato neste momento, a sua reeleição será difícil.
 [SOBREPOSIÇÃO]
 b. Ainda que eles *apoiem* o candidato no futuro, a sua reeleição será difícil.
 [POSTERIORIDADE]
- (39) a. Se eles *estiverem* cansados agora, fazemos uma pausa. [SOBREPOSIÇÃO]
 b. Se eles *estiverem* cansados mais tarde, fazemos uma pausa. [POSTERIORIDADE]

Esta polivalência do conjuntivo também se observa com o infinitivo e o gerúndio, que ocorrem tanto em descrições de situações posteriores como de situações sobrepostas:

- (40) a. Tem de se considerar a hipótese de eles agora *estarem* cansados. [SOBREPOSIÇÃO]
 b. Tem de se considerar a hipótese de eles daqui a pouco *estarem* cansados.
 [POSTERIORIDADE]
- (41) a. *Estando* assustado neste momento, o animal pode atacar. [SOBREPOSIÇÃO]
 b. *Estando* assustado quando nós nos aproximarmos da toca, o animal pode atacar.
 [POSTERIORIDADE]

Entretanto, em qualquer modo verbal, os valores de posterioridade são frequentemente sinalizados por formas verbais com verbos auxiliares, isto é, perifrásticas, em sentido lato. Destaca-se (além do comuníssimo verbo *ir*) o verbo *vir a*, que aqui nos ocupa. Vejam-se exemplos, com conjuntivo e infinitivo, que ilustram a equivalência vericondicional entre formas verbais sintéticas e formas verbais com o auxiliar *vir a*; em (42), há contextos dêiticos, e em (43), contextos anafóricos passados.

- (42) a. Ainda que a cura da doença {*seja / venha a ser*} descoberta em breve, ainda levará algum tempo até os medicamentos serem produzidos em massa.
 b. Se {*descobrirem / vierem a descobrir*} vida em Marte, o mundo nunca mais será o mesmo.
 c. Se {*descobrissem / viessem a descobrir*} vida em Marte, o mundo nunca mais seria o mesmo. [MENOR PLAUSIBILIDADE]
 d. A empresa pode {*falir / vir a falir*} daqui a pouco tempo.
- (43) a. Naquela altura, todos andavam preocupados. Ainda que a cura da doença {*fosse / viesse a ser*} descoberta em breve, levaria algum tempo até os medicamentos serem produzidos em massa.
 b. O milionário tinha adquirido a empresa em 1990. Se {*a vendesse / viesse a vendê-la*} passado uns meses, já ganharia imenso dinheiro.
 c. A empresa poderia {*falir / vir a falir*} em breve.

Ora, dado que *vir a* sinaliza sempre explicitamente, por si só, um valor de posterioridade, o seu uso pode ser explorado como uma forma de distinguir os valores de posterioridade e de sobreposição nos casos em que eles não são distinguíveis a partir do próprio tempo verbal (como vimos que acontece com o conjuntivo, o infinitivo e o gerúndio). Com efeito, contextos em que o contributo de *vir a* para a interpretação é essencial contrastam com os outros em que o uso de *vir a* é redundante, no que respeita à marcação do valor de posterioridade. A questão é complexa e multifatorial. Examiná-la-emos de forma mais pormenorizada, na subsecção a seguir.

4.2. Contextos sem e com redundância na marcação de posterioridade por *vir a*

Há contextos em que o verbo auxiliar *vir a* é o único elemento gramatical que sinaliza a posterioridade, podendo ter um papel desambiguador, face a potenciais leituras de sobreposição temporal. Esta situação, porventura menos frequente em termos globais, acontece em construções com as seguintes características: frases com descrições estativas, sem adjuntos de posterioridade (ou formas prospetivas afins¹⁶) e com verbo no conjuntivo, como em (44)-(45), no infinitivo, como em (46), ou no gerúndio, como em (47). Comparem-se as frases *a* de (44)-(47), com *vir a*, que expressam monovalentemente posterioridade da situação descrita relativamente ao ponto de perspetiva temporal, com as suas contrapartidas sem o verbo auxiliar em *b*, que são ambíguas entre um valor de posterioridade e um valor de sobreposição. Em termos de uso, os casos com conjuntivo e infinitivo são os mais importantes pela sua elevada frequência, pelo que serão os mais destacados doravante.

- (44) a. Ainda que eles *venham a apoiar* o candidato, a sua reeleição será difícil.
[POSTERIORIDADE]
b. Ainda que eles *apoiem* o candidato, a sua reeleição será difícil. [AMBÍGUO]
- (45) a. Se eles *vierem a estar* cansados, fazemos uma pausa. [POSTERIORIDADE]
b. Se eles *estiverem* cansados, fazemos uma pausa. [AMBÍGUO]
- (46) a. Na hipótese de os partidos *virem a estar* de acordo, tudo se resolverá rapidamente.
[POSTERIORIDADE]
b. Na hipótese de os partidos *estarem* de acordo, tudo se resolverá rapidamente.
[AMBÍGUO]
- (47) a. O animal, *vindo a sentir-se* encurralado, pode atacar. [POSTERIORIDADE]
b. O animal, *sentindo-se* encurralado, pode atacar. [AMBÍGUO]

¹⁶ Formas afins podem ser, por exemplo, predicados prospetivos em cujos complementos oracionais ocorra o verbo *vir a* – cf. (63)-(66) adiante.

Em certos casos ainda, especialmente interessantes, nomeadamente com infinitivo após verbos modais como *poder*, a leitura de sobreposição temporal é fortemente dominante com descrições estativas sem adjuntos explícitos de posterioridade (ou outros elementos contextuais que induzam a leitura de posterioridade) e as frases relevantes, como (48b), não são sequer sentidas como ambíguas. Nestes casos, o uso de *vir a* é essencial para garantir a leitura de posterioridade.

- (48) a. Eles podem *vir a estar* com problemas. [POSTERIORIDADE]
b. Eles podem *estar* com problemas. [SOBREPOSIÇÃO]

Em contraste, há vários contextos em que a informação temporal de posterioridade veiculada pelo verbo auxiliar *vir a* é redundante, já que ela existe mesmo o que verbo seja eliminado. Um primeiro contexto a destacar envolve descrições estativas, mas com presença explícita de adjuntos de posterioridade; nestes casos, a supressão do auxiliar *vir a* não tem impacto nas condições de verdade:

- (49) Ainda que eles *venham a apoiar* (= *apoiem*) o candidato *dentro de dois meses*, a sua reeleição será difícil.
(50) Se eles *vierem a estar* (= *estiverem*) cansados *a meio da corrida*, fazemos uma pausa.
(51) Na hipótese de os partidos *virem a estar* (= *estarem*) de acordo *depois da conferência de líderes parlamentares*, tudo se resolverá rapidamente.

Um segundo contexto envolve descrições eventivas. Neste caso, independentemente da presença de adjuntos explícitos de posterioridade, que podem existir ou não, a localização com formas sintéticas permite normalmente deduzir posterioridade (pelo menos nos registos neutros da língua, isto é, ignorando usos como o presente narrativo ou histórico e afins, ou valores genéricos e habituais). Assim:

- (52) Ainda que eles nos *venham a convidar* (= *convidem*) para a festa, não iremos.
(53) Se eles nos *vierem a convidar* (= *convidarem*) para festa, ponderaremos se vamos ou não.

As neutralizações em frases com conjuntivo ou infinitivo nestes dois tipos de contextos têm paralelo em frases com indicativo. Vejam-se os seguintes exemplos (com indicativo) com descrições estativas e adjuntos de posterioridade, em (54), e com descrições eventivas, em (55):

- (54) Possivelmente, o autarca só *virá a estar* (= *estará*) na posse de todos os dados *daqui a uns tempos*.
(55) Provavelmente, só *viremos a fazer* (= *faremos*) uma segunda edição de alguns destes livros: os dois ou três que tiverem maior sucesso.

Entretanto, no indicativo, com descrições estativas mesmo sem adjuntos de posterioridade, a neutralização também ocorre, ao contrário do que acontece no conjuntivo, como explicado acima, já que os tempos sintéticos de posterioridade não são comuns aos tempos de sobreposição:

- (56) Acredito que o partido *virá a apoiar* (= *apoiará*) este candidato.
- (57) Na altura, eu acreditava que o partido *viria a apoiar* (= *apoitaria*) este candidato. Mas enganei-me redondamente.

Um terceiro contexto em que há redundância é na presença de outros verbos auxiliares temporais prospectivos, como *acabar por*, *haver de* e *ir*, e.g. *acabará por vir a fazer* (= *acabará por fazer*). Dadas as particularidades gramaticais das combinações de verbos auxiliares, este terceiro contexto será tratado em subsecção autónoma (4.3, a seguir).

Vejamos agora dados de *corpora*. Em texto jornalístico português, o verbo auxiliar *vir a* surge nas diversas condições referidas acima, quer sem redundância na marcação do valor de posterioridade quer com redundância.

Surge, desde logo, com descrições de situações estativas sem outros marcadores de posterioridade, e com verbo no conjuntivo ou infinitivo, caso em que é o único elemento que introduz a informação de posterioridade, sendo por isso um elemento indispensável na definição das condições de verdade da frase (cf. (44)-(47) acima):

- (58) a. “[...] [a comissão] propõe [...] que o preço [...] inclua a remuneração dos artistas cuja obra *venha a estar* [vs. *esteja*_{AMBÍGUO}] devidamente registada.” (CETEMPúblico, ext781873-clt-91b-1)
- b. “[...] cinco milhões de acções [...] estão protegidas pelo pacto social que dá direito aos accionistas subscritores de exercerem uma opção de compra das participações que [...] *vierem a estar* [vs. *estiverem*_{AMBÍGUO}] à venda.” (CETEMPúblico, ext335106-eco-93b-1)
- c. “[...] o que faria a Europa num cenário [...] no qual Saddam *viesse a estar* [vs. *estivesse*_{AMBÍGUO}] em condições de usar armas de destruição maciça [...]?” (CETEMPúblico, ext253801-opi-98a-2)

Surge também, muito frequentemente, em contextos com verbos auxiliares modais do tipo de *poder* associado descrições estativas sem outros marcadores de posterioridade (cf. (48b) acima). Trata-se de um caso especialmente interessante, dado que a omissão de *vir a*, nestes contextos, mais do que deixar a frase ambígua sugere fortemente a leitura de sobreposição temporal, pelo que o uso do verbo *vir a* é essencial para a obtenção da leitura de posterioridade.

- (59) “[...] as interpretações variam entre as verdadeiramente alarmistas e as que duvidam que o carácter laico do Estado turco *possa vir a estar* [\neq *possa estar*] em perigo.” (CETEMPúblico, ext780963-nd-95a-2)

Finalmente, *vir a* surge também, em números muito significativos, nas condições em que o seu contributo para as condições de verdade das frases é (inocua) redundante, podendo ser suprimido sem alterações na interpretação. Por exemplo: com modo conjuntivo ou infinitivo, (i) com descrições de situações estativas e outros marcadores de posterioridade, como em (60), ou (ii) com descrições de situações eventivas (independentemente da presença de outros marcadores de posterioridade), como em (61); com modo indicativo, com descrições estativas ou eventivas, como em (62).

- (60) a. “O VO acaba de ser lançado nos EUA, prevendo-se que a versão internacional [...] *venha a estar* [= *esteja*] pronta *dentro de quatro a seis semanas*.” (CETEMPúblico, ext1075214-nd-94b-2)
- b. “[...] Israel ameaça ausentar-se das próximas conversações multilaterais se os palestinianos no exílio *vierem a estar* [= *estiverem*] representados *na próxima sessão da Conferência*.” (CETEMPúblico, ext1555274-pol-92a-1)
- c. “[...] com a recente «baixa» do presidente, o elenco socialista vê-se desfalcado de dois elementos e poderá mesmo *vir a encontrar-se* [= (poderá mesmo) *encontrar-se*] em minoria *em próximas reuniões*.” (CETEMPúblico, ext8542-pol-95b-1)
- (61) a. “[...] o líder socialista lembraria que, se *se viesse a realizar* [= *se realizasse*] um referendo, o partido e ele próprio teriam de surgir ao lado do primeiro-ministro [...] ao longo de meses [...]” (CETEMPúblico, ext47919-pol-92b-1)
- b. “[...] estão previstos vários investimentos regionais na margem sul [...] que *virão a aumentar* [= *aumentarão*] ainda mais o tráfego pesado na ponte [...]” (CETEMPúblico, ext83513-soc-96b-2)
- c. “[...] o PSD [...] admitiu claramente a hipótese de *vir a subscrever* [= *subscrever*] a proposta de Lino de Carvalho.” (CETEMPúblico, ext639-soc-94a-2)
- (62) a. “Abatido durante a Batalha de Inglaterra por um avião germânico, Flemming *virá a viver* [= *viverá*] um processo de readaptação à sua condição de invalidez.” (CETEMPúblico, ext4076-clt-92a-2) [FUTURO NARRATIVO]
- b. “A CMVM *virá* assim a *resolver* [= *resolverá* (assim)] uma situação que o próprio Governo ajudou a criar (...)” (CETEMPúblico, ext40188-eco-92a-1)

Podemos conjecturar que a frequência significativamente mais baixa do verbo auxiliar *vir a* como marcador de posterioridade no PB (pelo menos no NILC/São Carlos) se deva a uma maior tendência para evitar este tipo de redundância. Deixo a verificação desta conjectura para investigação futura.

Interessa ainda recordar que, geralmente, como nos exemplos vistos até aqui, a redundância no uso de *vir a* como marcador de prospectividade é totalmente inócua, havendo essencialmente variação estilística entre formas sentidas como igualmente naturais. Mas, por vezes, a presença redundante de *vir a* parece causar pelo menos uma ligeira sensação de estranheza, sendo sentida como preferível a sua omissão. Creio que é o que acontece, por exemplo, quando *vir a* ocorre em orações completivas dependentes de certos predicados intrinsecamente prospectivos, como o verbo *comprometer-se* ou o nome *intenção*. Compare-se:

- (63) Comprometemo-nos a {*discutir* / #*vir a discutir*} o assunto mais tarde.
- (64) Se eles tivessem intenção de {*discutir* / #*vir a discutir*} o assunto mais tarde, ter-nos-iam dito.

A questão parece mais do foro estilístico que do foro estritamente gramatical, porém, encontrando-se registos em *corpora* de uso de *vir a* em contextos prospetivos deste tipo. Vejam-se exemplos do CETEMPúblico com os dois predicados referidos acima:¹⁷

- (65) “[...] o número de ovócitos a inseminar deverá ser tal que não possibilite a formação de mais embriões [...] do que aqueles a que o casal *se tenha comprometido a vir a utilizar* posteriormente.” (CETEMPúblico, ext261648-nd-97a-2)
- (66) “[...] só António Vilar anunciou, até ao momento, *a intenção de vir a disputar* eleições para a distrital.” (CETEMPúblico, ext351719-pol-94b-1)

Deixarei a avaliação da frequência e da maior ou menor aceitação destas construções redundantes que envolvem completivas dependentes de predicados prospetivos para investigação futura.

4.3 Redundâncias no uso de *vir a* em combinação com outros verbos auxiliares prospetivos (*acabar por*, *haver de*, *ir*)

São particularmente curiosas as construções redundantes com sequências de verbos auxiliares prospetivos integrados na mesma proposição. Referirei aqui a combinação de *vir a* com três desses verbos: *acabar por* (que vários dicionários, como já foi referido, consideram ter um sentido muito próximo de *vir a*)¹⁸ e os auxiliares temporais *haver de* e *ir*.

Começemos com as combinações de *acabar por* e *vir a*, que surgem associadas tanto a valores puramente prospetivos como a valores prospetivos-retrospectivos. Creio que a coocorrência destes dois verbos, fortemente redundante, é porventura sentida como estilisticamente pesada por muitos falantes (face às alternativas equivalentes com apenas um dos predicados), mas não agramatical. Da sequência *acabar por vir a*, há pelo menos 37 registos no CETEMPúblico, 9 dos quais com valor puramente prospetivo, como (67), e 28 com valor prospetivo-retrospectivo, como (68), não havendo ocorrências dessa sequência nem no NILC/São Carlos nem no Vercial.¹⁹ Note-se que, nos dois exemplos abaixo, poder-se-ia ter optado, sem perda de informação, por usar apenas *vir a* ou apenas *acabar por*.

- (67) “[...] pode até acontecer que o alargamento [do horário] *acabe por não vir a vigorar* em nenhum ponto da cidade.” (CETEMPúblico, ext14550-soc-93a-2)

¹⁷ Pode haver variação significativa entre predicados, uma questão que também deixo para avaliação futura; por exemplo, a pesquisa no CETEMPúblico [lema=”intenção”] [] {0,5} [lema=”vir”] [] {0,2} “a” “.*r” gerou 58 completivas relevantes (vs. quase 8.000 sem *vir a*), mas a pesquisa paralela com *comprometer* só gerou 1 resultado (vs. quase 4.000 sem *vir a*). Curiosamente, nem o NILC/São Carlos nem o Vercial têm qualquer registo da combinação de *vir a* com estes dois predicados prospetivos.

¹⁸ O verbo *acabar* seguido de gerúndio, de valor semelhante a *acabar por* seguido de infinitivo, e mais frequente que este no PB, não ocorre, em nenhum dos *corpora*, combinado diretamente com *vir a* (e.g. *acabou vindo a arrepender-se*). A construção parece, de facto, ser sentida como agramatical, ao contrário de (pelo menos em PE) *acabou por vir a arrepender-se*.

¹⁹ Pesquisa: [lema=”acabar”] [] {0,2} “por” [] {0,2} [lema=”vir”] [] {0,2} “a” “.*r”

- (68) “Esta ideia do «Portugal partidário» [...], de início, contou com algumas resistências. Mas *acabaria por vir a ser* assimilada no discurso do secretário geral.” (CETEMPúblico, ext566737-pol-93a-1)

Da sequência na ordem inversa, *vir a acabar por*, há apenas 3 registos no CETEMPúblico e 1 no Vercial (todos com *vir a* puramente prospetivo), não havendo ocorrências no NILC/São Carlos.²⁰ Creio que esta combinação é muitas vezes sentida como estranha pelos falantes.²¹

- (69) “Mesmo admitindo [...] que *venha a acabar por se concluir* que a grande maioria das gravuras são afinal pós-paleolíticas, isso em nada diminuiria a importância que o sítio tem [...]” (CETEMPúblico, ext1415761-clt-95a-1)
- (70) “[...] sem saberem, porquê nem como, aprenderam a respeitar-se uns aos outros; gradualmente *vieram a acabar por se respeitar* a si próprios.” (Almeida Garrett, *Romanceiro*, 1851, in Vercial)

É também interessante a combinação – esta não redundante – de *acabar por* e *vir a* em frases autónomas vizinhas (e.g. justapostas ou coordenadas), mostrando que a opção por um ou outro verbo pode ser explorada para efeitos de variação estilística, evitando repetições próximas. Nos dois exemplos a seguir, em qualquer das posições (nestes casos, frase matriz e frase subordinada relativa), poderia ter sido usado o outro verbo auxiliar.

- (71) “As buscas da polícia tornaram-se tão intensivas, que *acabou por fugir* para França, onde *veio a ser detido* devido à mesma actividade.” (CETEMPúblico, ext68422-soc-97a-1)
- (72) “Na tentativa de fazer parar os três presumíveis autores do roubo, a polícia efectuou vários disparos, *vindo a atingir* um deles – que *acabou por ser detido* – num pé.” (CETEMPúblico, ext1239882-soc-95a-1)

Vejamos agora a combinação de *vir a* com *haver de*. Da sequência *haver de vir a* há 2 registos no CETEMPúblico, 1 no NILC/São Carlos e 6 no Vercial (valores obtidos com pesquisas paralelas às realizadas para o verbo *acabar por*), ou seja, trata-se de um combinação, pelo menos contemporaneamente, muito infrequente.

- (73) “A participação do actor Enoken [...] permitiu afinal o primeiro «bobo» [...] do que *haveria de vir a ser* uma galeria [...]” (CETEMPúblico, ext96721-nd-93b-2)
- (74) “Não quero ser padre, [...] porque, afinal de contas, *hei de vir a casar* contigo.” (Júlio Dinis, *As Pupilas do Senhor Reitor*, 1867, in Vercial)

A sequência na ordem inversa, *vir a haver de*, é agramatical – cf. e.g. **virei a haver de casar contigo* – e não há registos dela nos três corpora consultados. Este facto remete para diferenças sintáticas entre verbos auxiliares semanticamente afins sobre que seria interessante haver uma investigação de pendor mais sintático, formal, que não tenho conhecimento de que já tenha sido feita.

²⁰ Pesquisa: [lema=”vir”] □ {0,2} “a” □ {0,2} [lema=”acabar”] □ {0,2} “por”

²¹ Cf., por exemplo, as alternativas a (67) e (68) com esta ordem de verbos auxiliares: ??*pode até acontecer que o alargamento do horário venha a acabar por não vigorar*, ou ??*esta ideia viria a acabar por ser assimilada no discurso do secretário-geral*.

Finalmente, interessa considerar a putativa combinação de *vir a* com o verbo auxiliar temporal *ir*. Não encontrei qualquer exemplo da combinação destes dois verbos em sequência em nenhum dos *corpora* da Linguateca. A construção com o verbo *ir* em primeiro lugar, isto é, *ir vir a* parece-me estranha, mas não totalmente impensável: cf. ??*possivelmente, ele vai vir a arrepender-se*. Já a construção com o verbo *vir a* em primeiro lugar, isto é, *vir a ir*, parece ser completamente impossível (tal como *vir a haver de*) – cf. e.g. **possivelmente, ele virá a ir arrepender-se*.

5 Conclusões

Este trabalho discutiu centralmente os aspetos temporais e modais do uso do verbo auxiliar *vir a* como marcador de posterioridade, um verbo de uso frequente, mas sobre que existem poucos estudos específicos. Os aspetos pragmáticos foram deixados para investigação posterior.

Analisou-se centralmente a ocorrência deste predicado – flexionado em diferentes tempos verbais – associado a dois valores temporo-modais: um puramente prospetivo, em que as situações descritas são apresentadas como hipóteses em aberto posteriormente ao ponto de perspetiva temporal (passado, presente ou futuro) da frase; outro prospetivo-retrospectivo, em que as situações descritas, posteriores a um ponto de perspetiva temporal passado, são apresentadas como factos anteriores ao presente. As construções com este último valor e o verbo flexionado no condicional são especialmente interessantes, porque, por um lado, são geradoras de ambiguidade (frequentemente, só se obtendo uma interpretação cabal com um contexto bastante alargado) e, por outro lado, revelam diferenças de frequência muito significativas entre o PE e o PB, e entre o registo escrito (jornalístico) contemporâneo do PE e o registo literário do PE dos séculos XVI-XX: 30 usos pMp no CETEMPúblico (PE) vs. 2,5 usos pMp no NILC/São Carlos (PB) vs. apenas 0,8 pMp no Vercial.

Discutiram-se ainda os contextos em que o contributo do verbo auxiliar *vir a* como marcador de posterioridade é imprescindível para se obter uma interpretação clara, eventualmente evitando ambiguidades, e os contextos em que, diferentemente, o seu contributo é redundante face à presença de outros operadores marcam explicitamente, ou que permitem deduzir, um valor de posterioridade. Os primeiros integram tipicamente frases estativas, com conjuntivo, infinitivo ou gerúndio e sem outros operadores prospetivos. Os segundos são todos os outros.

A questão da redundância de *vir a* deve ser revisitada futuramente, nomeadamente avaliando a hipótese de, pelo menos em certos casos, haver uma diferença entre frases com e sem *vir a* (redundante), relacionada com o plano da informação implícita e a assunção de uma sequência prévia de acontecimentos relevantes, como a invocada na literatura para o verbo *acabar por*. Interessará verificar se a convocação dessa informação implícita requer mesmo a presença do verbo auxiliar, ou este é meramente “catalisador” de uma informação implícita que pode lá estar mesmo sem ele (comparem-se e.g. as frases (5) e (6) com as suas contrapartidas sem verbos auxiliares).

Financiamento

Este trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) com verbas do projeto estratégico UIDB/00214: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Referências

ALMEIDA, N. M. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 44.^a edição. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37.^a edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.

BORBA, F. (coord.) *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991.

CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CETEMPÚBLICO 2.0 v. 12.5. Disponível em: <http://www.linguatca.pt/ACDC/>. Acesso em: março de 2025.

CUESTA, P. V.; LUZ, M. A. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1971.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1984.

DUARTE, I. Verbos auxiliares. In: MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*, 5.^a edição, revista e aumentada. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. p. 303-305.

CONÇALVES, A. Aspectos da sintaxe dos verbos auxiliares do Português Europeu. In: *Quatro Estudos em Sintaxe do Português. Uma Abordagem Segundo a Teoria dos Princípios e Parâmetros*. Lisboa: Colibri, 1996. p. 7-50.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KAMP, H.; REYLE, U. *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer, 1993.

MARQUES, R. Sobre a semântica dos tempos do conjuntivo. In: *XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Selecionados*. Porto: Associação Portuguesa de Linguística, 2010. p. 549-565.

MEDEIROS, A. B. *Eu acabei escrevendo o artigo* – um estudo sobre a forma *acabar+gerúndio* no português brasileiro. *Caderno de Estudos Lingüísticos Campinas*, v. 60, n.1, p. 7-29, 2018. DOI:10.20396/cel.v60i1.8649766

MEDEIROS, A. B. *Eu acabei escrevendo o artigo, de novo* – um estudo sobre três construções “sinônimas” com o verbo *acabar* no português do Brasil. *Revista de Estudos Lingüísticos*, v. 28, n.3, p. 1249-1290, 2020. DOI: 10.17851/2237-2083.28.3

MÓIA, T. Aspectos da gramaticalização de *ir* como verbo auxiliar temporal. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, n. 3, p. 213-239, 2017.

MÓIA, T. On the semantics of the temporal auxiliary verb *ir* ('go') in Portuguese. *Syntaxe et Sémantique*, 19, p. 147-177, 2018.

MÓIA, T.; VIOTTI, E. Differences and Similarities between European and Brazilian Portuguese in the Use of the *Gerúndio*. *Journal of Portuguese Linguistics*, v.3, n.1, p. 111-139, 2004.

NEVES, M. H. M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

NILC/São Carlos v. 15.4. Disponível em: <http://www.linguatca.pt/ACDC/>. Acesso em: março de 2025.

RAPOSO, E. P. Verbos auxiliares. In: RAPOSO, E. P. et al. (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 1219-1281.

SILVA DIAS, A. E. *Grammatica Portuguesa Elementar*, 9.^a edição revista. Lisboa: A. Ferreira Machado & C.^a, 1894.

TORREGO, L. G. Los verbos auxiliares. Las perífrasis verbales de infinitivo. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (dir.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Real Academia Española. Madrid: Espasa, 1999. p. 3323-3389.

VERCIAL, v. 17.5. Disponível em: <http://www.linguatca.pt/ACDC/>. Acesso em: março de 2025.